

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

GABRIELA ARCENO GOMES

**O TURISMO NA TRANSFORMAÇÃO DA RELAÇÃO SOCIEDADE-NATUREZA :
ESTUDO DE CASO DA PRAIA DE PAÚBA- SP**

**TOURISM IN THE TRANSFORMATION OF THE SOCIETY-NATURE
RELATIONSHIP: A CASE STUDY OF PRAIA DE PAÚBA- SP**

São Paulo

2022

GABRIELA ARCENO GOMES

**O TURISMO NA TRANSFORMAÇÃO DA RELAÇÃO SOCIEDADE-NATUREZA :
ESTUDO DE CASO DA PRAIA DE PAÚBA- SP**

Trabalho de Graduação Integrado (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientador: Prof. Dr. Rita de Cássia Ariza da Cruz

São Paulo

2022

AUTORIZAÇÃO DA PUBLICAÇÃO

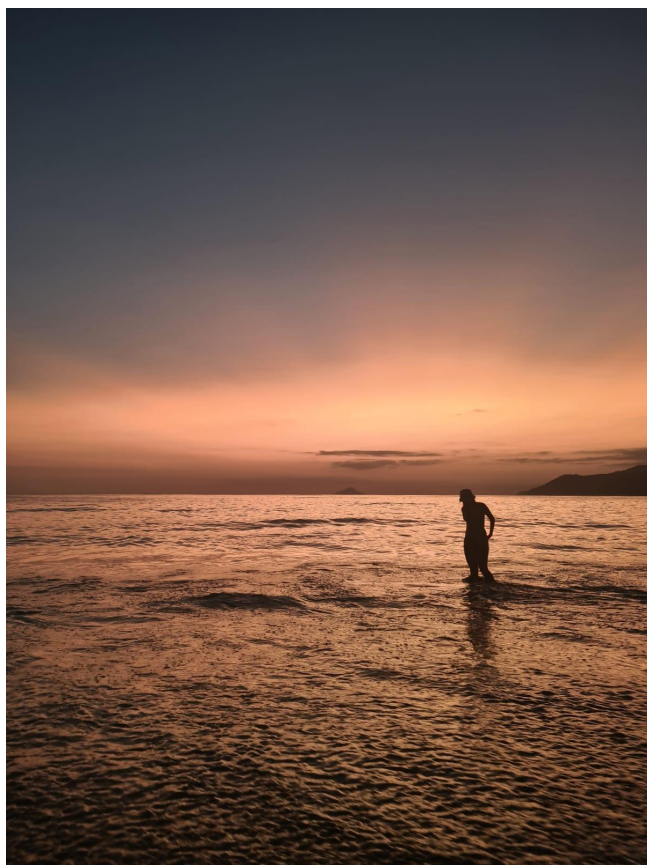
AGRADECIMENTOS

A esses meus seis longos anos no curso de geografia, em que tive a oportunidade de conhecer amigos e professores incríveis, que me proporcionaram crescimento tanto acadêmico quanto pessoal. Aqui destaco minha grande companheira Lara Rosa, pela imensa paciência, dedicação e risadas nesses anos que passamos por tanta coisa juntas!

Agradeço à minha orientadora Prof^a Dr^a Rita de Cássia Ariza Cruz por toda ajuda e conhecimentos que me transmitiu tão bem em tempos tão difíceis de ensino remoto!

Não poderia deixar de agradecer também aos meus pais que me proporcionaram sempre uma educação de qualidade e me apoiaram nessa área que infelizmente ainda é pouco reconhecida. Assim a todos os educadores nos desejo força.

Também agradeço a todos os meus amigos que estiveram comigo no carnaval de março de 2022 em Paúba e que tanto me ajudaram e me apoiaram na finalização dessa pesquisa. E a outros tantos que me ouviram nesse caminho que foi a graduação.



Ao fim de um ciclo, OBRIGADA!

“O TEMPO NÃO PÁRA”

(CAZUZA, 1988)

RESUMO

GOMES, Gabriela. **O TURISMO NA TRANSFORMAÇÃO DA RELAÇÃO SOCIEDADE-NATUREZA: ESTUDO DE CASO DA PRAIA DE PAÚBA- SP.** 2021. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

O objetivo deste trabalho é identificar as consequências da atividade turística na modificação da relação sociedade-natureza na Praia de Paúba, em São Sebastião, no litoral norte de São Paulo. A atividade turística consiste em uma prática social, responsável por mudanças na relação sociedade-natureza, na paisagem, na cultura local, na economia, bem como em aspectos que manifestam de forma imaterial. Dessa maneira procurou-se entender a participação que o turismo tem na vida dos moradores locais, bem como saber mais da história da praia e das mudanças e possibilidades que o turismo trouxe para essa comunidade.

Palavras-Chave: Turismo, litoral, São Sebastião.

ABSTRACT

GOMES, Gabriela. TOURISM IN THE TRANSFORMATION OF THE SOCIETY-NATURE RELATIONSHIP: A CASE STUDY OF PRAIA DE PAÚBA- SP. 2021. 68 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

The objective of this work is to identify the consequences of tourism in the modification of the society-nature relationship at Praia de Paúba, in São Sebastião, on the north coast of São Paulo. The tourist activity consists of a social practice, responsible for changes in the society-nature relationship, in the landscape, in the local culture, in the economy, as well as in aspects that manifest in an immaterial way. In this way, we tried to understand the participation that tourism has in the lives of local residents, as well as to know more about the history of the beach and the changes and possibilities that tourism has brought to this community.

Keywords: Tourism, coast, São Sebastião.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - POR DO SOL EM PAÚBA (2019). AUTOR: GABRIELA ARCENO GOMES.

Figura 2 - TOTAL DE DOMICÍLIOS E RESIDÊNCIAS SECUNDÁRIAS NO MUNICÍPIO DE SÃO SEBASTIÃO, SP. [PANIZZA et. al., 2004, p. 32]

Figura 3 - O LITORAL NORTE PAULISTA. UNESP.

Figura 4 - PRAIAS DE SÃO SEBASTIÃO

(fonte:eoamazonia.net/index.php/revista/article/view/48/pdf_33)

Figura 5 - MEMÓRIAS DE SÃO SEBASTIÃO E PAÚBA (2022). AUTOR: GABRIELA ARCENO GOMES.

Figura 6 - LOCALIZAÇÃO DO LITORAL NORTE PAULISTA [PANIZZA et al, 2003].

Figura 7 - ARTICULAÇÃO DA REDE VIÁRIA. LITORAL NORTE, SP [SÃO PAULO, 1996, p. 141].

Figura 8 - O LITORAL NORTE E REGIÃO – PRINCIPAL VIA DE CIRCULAÇÃO [PANIZZA et. al., 2004, p. 2].

Figura 9 - ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO EM MARESIAS (GUIA MARESIAS, 2011).

Figura 10 - PLACA TURÍSTICA DE PAÚBA (2022). AUTOR: GABRIELA ARCENO GOMES.

Figura 11 - CAPELA DE IMACULADA CONCEIÇÃO E MADRE PAULINA (2022). AUTOR: GABRIELA ARCENO GOMES.

Figura 12 - HISTÓRIA DA CAPELA DE PAÚBA (2022). AUTOR: GABRIELA ARCENO GOMES.

Figura 13 - MEMÓRIAS DE PAÚBA (2022). AUTOR: GABRIELA ARCENO GOMES.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. TURISMO E PRODUÇÃO DO ESPAÇO

1.1 ORIGEM E CONSOLIDAÇÃO DO TURISMO

1.2 TURISMO DE MASSA

1.3 A PRAIA COMO ATRATIVO TURÍSTICO

1.4 O TURISMO E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO

2. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

2.1 BREVE HISTÓRICO DO POVOAMENTO DE SÃO SEBASTIÃO

2.2.1 O modo de vida caiçara

2.2 A CONSTRUÇÃO DA RODOVIA RIO- SANTOS, A URBANIZAÇÃO E O TURISMO

2.2.1 Políticas Públicas e Projetos turísticos para São Sebastião

2.2.2 A produção de Maresias como lugar turístico

3. O CASO DA PRAIA DE PAÚBA: TURISMO E TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS

3.1 TURISMO E TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS NA PRAIA DE PAÚBA

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios, até os dias de hoje, a curiosidade, o fascínio pelo desconhecido, os desejos de aventura, junto a um misto de sensações de medo e alegria, acompanham o homem em sua jornada pelo tempo. E é desse desejo de mobilidade, em descobrir, conhecer, dominar novos espaços, que levou aos grandes descobrimentos no passado, e que leva hoje turistas a viagens pelo mundo todo.

Sobre esse desejo que move os homens, Becker (1995) pontua que “(...) esse desejo de conhecimento de novos ambientes, supostamente inerente à condição humana, para uns seria, inclusive, um escape a sedentarização progressiva do homem.” (p.1)

É desse desejo, e até mesmo necessidade antiga que acompanha os homens até hoje, que o turismo se idealiza, organiza e manifesta. Este, que tem como objetivo lucrar com o tempo de não trabalho do homem, sendo uma mercadoria, fruto de uma sociedade também consumidora de lugares.

O turismo massificado é marca do século XX e tem na história de sua consolidação muitas lutas históricas da classe trabalhadora, para conseguir melhores salários, fins de semana de folga e férias remuneradas em conjunto com os progressos materiais nos meios de transporte. Com essas conquistas, a busca por atividades turísticas se consolidou, deixando de ser privilégio apenas da elite econômica. (QUEIROZ, 2018).

A geografia se interessa pelo campo de análise do fenômeno turístico, já que este cria e recria o espaço, modifica e transforma a paisagem e assim segue sendo potencialmente gerador de desenvolvimento, ao mesmo com alto poder de degradação sócio ambiental. E a geografia do turismo com uma visão totalizante das inter-relações vai procurar entender e explicar os efeitos socioespaciais dessa prática sobre o território.

No Brasil o turismo é um setor de comércio e serviço que está em constante crescimento, sendo o litoral o maior alvo. As praias com suas exuberâncias e particularidades atraem muitas pessoas e com alta procura por essas áreas, o turismo vai deixando suas marcas. Sobre esse setor de comércio e serviço Geiger (1996) diz:

Evidentemente o turismo passou a ser objeto de interesses econômicos de todo um sistema, que inclui agências de viagens, empresas aéreas, hotéis e governos, desde os centrais, aos locais, aos quais se associam outros diversos setores, como artesanatos, loja de souvenirs, certos setores culturais etc. Todos incentivam, sugestionam, utilizam a mídia. (p.59).

Alvo também de crescimento desenfreado, ocupação desordenada e especulação imobiliária, o meio físico e social vem sofrendo mudanças significativas. É o caso da Praia de Paúba, localizada no litoral norte de São Paulo, no município de São Sebastião, onde o alto fluxo de turistas vem transformando a dinâmica social e econômica da comunidade.

A praia conta com campings, casas de uso ocasional, pousadas e hotéis onde grande parte da população local tem sua fonte de renda associada. Paúba recebe muitos turistas que não encontram locação na praia vizinha de Maresias na alta temporada, além dos frequentadores que preferem uma praia de mar mais calmo e paisagem mais “natural”.

O território é onde o turismo acontece e a geografia do turismo volta os olhos a ele, a fim de entender esta forma de apropriação do solo, que transforma rápida e drasticamente a paisagem litorânea e a vida de comunidades caiçaras. Essas que nem sempre são beneficiadas com essa atividade, principalmente os mais pobres, que têm o acesso à terra de forma cada vez mais difícil, levando essa população nativa a morar em favelas, enquanto a beira mar fica “limpa” para os turistas de passagem. É a problemática do turismo que segrega. (LEÃO, 2016).

Esta pesquisa busca compreender como a atividade turística modificou e participa da vida dos moradores na comunidade da Praia de Paúba, no litoral norte de São Paulo, avaliando a responsabilidade da atividade turística na produção do espaço geográfico, analisando sua participação e impacto sobre a vida dos moradores locais.

O presente estudo de caso se deu por ser um local onde o turismo se expande, ao ponto que sua vizinha, Praia de Maresias já encontra limitações no número de casas,

hotéis e pousadas na alta temporada.. Localizada a 25km do centro de São Sebastião (sentido sul) e 3,5 km da Praia de Maresias, a Praia do Paúba mantém o ar de tranquilidade típico de um vilarejo caiçara. Isso a apenas 180 km da grande São Paulo, local caracterizado como área emissora de turistas, que na primeira oportunidade de folga correm atrás de locais isolados e calmos, como a Paúba.

A Geografia contribui para analisar a turistificação dos lugares, que ao mudar a paisagem muda também o espaço. Território, região, paisagem e lugar são categorias geográficas que corroboram para o entendimento do turismo. E essa prática que envolve o deslocamento de pessoas pelo espaço geográfico faz com que as pessoas ao se movimentarem também promovam a propaganda dos lugares, promovendo assim o consumo do espaço. Assim, os espaços passam a ser valorizados, disputados, especulados, apropriados e utilizados à medida que o turismo vai se instalando.

Os geógrafos Coriolano e Silva (2005) citam a questão de tempo e espaço com relação ao turismo:

O turismo diz respeito ao tempo e ao espaço, pois as relações sociais ocorridas ao longo do tempo alteram e reestruturam lugares produzidos em tempos diferenciados, construindo patrimônios culturais, as cidades, a chamada segunda natureza, ou seja, os lugares que passam a ser objeto do olhar do turista. (p.96).

Partindo dessa ciência, a pesquisa busca entender o fenômeno turístico e sua participação na construção do espaço geográfico.

1. TURISMO E PRODUÇÃO DO ESPAÇO

O turismo é um campo de interesse para a geografia, já que o mesmo produz e transforma o espaço. Esse é um dos objetos de estudo na análise geográfica.

Rodrigues (1997) escreve no artigo “Geografia e Turismo - Notas Introdutórias” que as bases entre geografia e turismo são íntimas e interligadas a tal ponto que seria impossível não admitir o turismo como um fenômeno geográfico:

Tendo em vista as incidências espaciais do turismo, o tratamento geográfico do fenômeno vem se tornando cada vez mais destacado. Curiosamente, um dos trabalhos mais antigos onde foi usada a expressão Geografia do Turismo, data já de 1905, escrito na cidade austríaca de Graz, por J Stradner.(RODRIGUES, 1997 P.40)

1.1 ORIGEM E CONSOLIDAÇÃO DO TURISMO

Um dos temas tratados na geografia do turismo diz respeito a sua própria origem e consolidação no território, sendo fonte de debate entre os autores; uns consideram sua origem vinculada ao próprio desejo da natureza humana em conhecer novos lugares, enquanto outros levam em consideração todo o contexto histórico que levou a sociedade moderna capitalista a viajar. O autor Moesch, (2002, p.15), por exemplo, afirma que “(...) o turismo é o processo humano, que ultrapassa o entendimento como função de um sistema econômico.”

As viagens sempre existiram pelos mais diversos motivos, contudo a viagem como forma de *Tour* pode ser dita como algo criado pelas elites, principalmente a inglesa. Temos então no século XVIII o surgimento do “*Grand Tour*” onde eram realizadas viagens para conhecimento cultural da aristocracia europeia, esta que, pelo turismo procurava se diferenciar da burguesia que pretendia ascender ao poder.

O ano de 1845 pode-se considerar como um marco para as viagens por puro lazer, considerando a iniciativa do empresário britânico Thomas Cook que criou a primeira agência de turismo e realizou a primeira excursão em larga escala. A viagem organizada por Cook ia de Leicester para um congresso antialcoólico em Loughborough, e pode ser considerado o embrião do turismo tal como conhecemos hoje, com vários serviços inclusos:

A mais significativa contribuição de Cook foi organizar uma viagem com um pacote de serviços incluídos, como transporte, acomodação e atividades no local de destino, procedimento que passou a ser copiado em todo o mundo. As viagens que até então eram realizadas por necessidade – não eram apazíveis e principalmente voltadas para a educação – tornaram-se atrativas; o entretenimento e o prazer tinham lugar garantido, e assim foi introduzido um novo conceito, o de gozar as férias em lugares distantes do seu local habitual de residência (DIAS 2005, p. 35).

A viagem realizada pelo pioneiro Thomas Cook é resultado de um conjunto de transformações históricas que a revolução industrial trouxe, como a modernização dos transportes, que mais rápidos, mais seguros e com maior capacidade de pessoas, tornava possível as excursões realizadas na época. Foi também a primeira vez que o homem diferenciou o tempo de trabalho do tempo de lazer, o bucolismo do ambiente fabril e a valorização das paisagens naturais.(BOYER, 2003).

Ainda assim o turismo era possibilidade, por seu valor, restrito às elites econômicas da época. É com a produção em massa dos automóveis, promovida por Henry Ford em conjunto com as conquistas de direitos trabalhistas, por férias e o 13º salário que outras classes sociais começam a usufruir das atividades turísticas.

Nas décadas de 1950 e 1960, pode-se considerar um turismo mundial consolidado, que fica evidente com a criação em 1974 da Organização Mundial do Turismo (OMT), um organismo internacional que vai estabelecer objetivos e normas para as viagens turísticas nos países membros.

1.2 O TURISMO DE MASSA

O advento do chamado turismo de massa ocorre na primeira metade do século XX, em decorrência das transformações socioeconômicas causadas pelas inovações tecnológicas e o aprofundamento da divisão do trabalho, que promoveram novos modos de regulação da produção e da vida, criando assim um novo tipo de homem e de trabalhador.

Frente às novas necessidades da produção e da vida decorrentes do fordismo, os trabalhadores deveriam adquirir estabilidade e homogeneidade, necessitavam disciplinar-se para se transformarem em “engrenagens” da produção e consumir o que era produzido. Para tanto, os mesmos assumiram o papel de não- trabalho como uma consequência direta e imediata do trabalho, solidificando-o, ainda mais, como um tempo para recuperar-se da rotina e do desgaste físico do trabalho, sedimentando-o, por consequência, como um momento para gastar racionalmente o dinheiro de seu trabalho. (MASCARENHAS, 2005. pg.52)

A autora Panazollo (2005) concorda que essas mudanças permitiram maior circulação de capital e pessoas e que assim, um alto contingente de pessoas se deslocando para um local específico daria origem ao chamado turismo de massa.

O fenômeno do turismo de massa fica ainda mais forte com a indústria cultural,

que irá promover a venda/propaganda dos lugares, direcionando assim o fluxo de pessoas e capitais.(BRANCO; MAGALHÃES, 2005).

Para tanto, se faz necessário ressaltar que o turismo de massa não deve ser entendido como uma atividade igualitária. A concretização do turismo depende inseparadamente da quantidade de capital que uma pessoa possui e está disposta a gastar, dessa maneira a dita massa é uma parte restrita da população que dispõe de dinheiro e tempo livre para viajar.

1.3 A PRAIA COMO ATRATIVO TURÍSTICO

Ao longo de sua jornada na Terra, a humanidade não só transformou a natureza e espaço em que vive como também o imaginário em relação a ele, sendo a valorização da praia exemplo disso. O historiador Alain Corbin, em sua obra denominada “O território do vazio – A praia e o imaginário ocidental” fez uma análise de poesias, pinturas, relatos de viagens, bulas médicas e obras religiosas dos séculos XVIII e XIX para compreender como esse ambiente tido como catastrófico e de monstros e dragões falados na bíblia se tornou fonte de cura e prazer para os ocidentais.

A bíblia, livro mais lido de todos os tempos, por milhões de pessoas em séculos, foi fonte para imaginação daqueles que conheciam o mar, até aqueles que jamais tinham visto. Certas passagens remontam o mar como um lugar sujo, perigoso, para onde iriam os pecadores. Os que liam certamente não desejavam conhecê-lo:

Mais decisivo ainda, o relato do dilúvio. O oceano surge então, segundo os autores, como instrumento da punição e, na sua configuração atual, como lembrança da catástrofe. De acordo com a cosmologia bíblica existem, com efeito, duas grandes extensões de água: a que ocupa a bacia dos mares, e a que prende a abobada celeste. O criador ao separá-las, desenhou uma dupla linha divisória: o litoral, que define os domínios respectivos do mar e da terra, e a linha das nuvens, limite movente entre a água do céu e a atmosfera que o homem respira; ora, as opiniões se dividem quando se trata de determinar em qual desses dois abismos submergiu a terra antediluviana (CORBIN, 1989, p. 12).

A visão do Mar como algo catastrófico e apocalíptico trazida pela igreja católica vai perdurar por toda a Idade Média. É a partir de orientações médicas que apontaram o banho de mar e de sol como solução para doenças típicas das grandes cidades como a melancolia, por

exemplo, que a visão sobre a praia começa a mudar, primeiramente sendo vista como necessária. (CORBIN,1989)

A praia então se torna cura para algumas mazelas do ser humano, que em seu tratamento, descobre prazeres na terapia. As mulheres com poucas roupas, homens fortes que nadam desbravando o mar, viram entretenimento, curiosidade, transformando-a em atração.

Contudo é importante ressaltar que, esse imaginário é tipicamente Europeu (principalmente das cidades sem litoral), já que no Brasil, encontramos relatos, antes mesmo da chegada dos colonizadores, mostrando que os nativos já possuíam uma ligação e imaginário peculiar com as praias. Diferentemente dos europeus, eles tinham um forte vínculo com o mar, como uma santidade, fonte de alimento, de cura e limpeza.

No princípio, o Rio de Janeiro dos europeus ficava atrás da praia, porque só a terra lhes interessava. Vindos do mar para conquistá-la, os primeiros colonizadores deixavam as águas doces e salgadas do Novo Mundo entregues ao lazer de um povo brincalhão, que andava nu, e tinha os dias contados, mas vivia o presente como se fosse durar para sempre (GASPAR, 2004, p.31)

Na orla do Rio de Janeiro por volta de 1894, lugar onde muitos nativos já desfrutaram do banho de mar, os europeus vão também escolher como destino a então moda europeia de ir à praia por puro prazer.

Inicialmente incentivados pelas campanhas publicitárias das empresas de transporte, como dos bondes, que visavam aumentar a renda mesmo nos dias mais pálidos e gélidos do Rio, os europeus vão começar a frequentar o litoral pelo litoral, não somente pela praia, e então é desperto o desejo, de morar ali, perto ao mar, para poderem desfrutar das lindas paisagens litorâneas em qualquer época do ano. Assim tem início a valorização imobiliária e o surgimento das primeiras edificações litorâneas, como as de Copacabana.(RAMOS, 2009)

E nesse cenário de beleza, lazer, cura e mistério que se localizam milhares de turistas do século XXI, sendo a Praia de Paúba (Foto 1) apenas um trecho que mostra como o imaginário ocidental de adoração a praia foi consolidado.



FIGURA 01- POR DO SOL EM PAÚBA (2019). AUTOR: GABRIELA ARCENO GOMES.

1.4 O TURISMO E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO

A ciência geográfica tem como um dos objetos de estudo o espaço, e ao estudá-lo, analisa os fenômenos que o transformam, como o turismo, ao mesmo tempo em que dá contribuição metodológica e teórica para o entendimento e explicação dos efeitos, características e impactos desse fenômeno.

No Brasil o desenvolvimento do fenômeno turístico como produtor e transformador do espaço geográfico vai estar relacionado com o desenvolvimento e consolidação do mesmo pelo mundo. Na década de 1960 o turismo foi alvo de discussões no cenário internacional, onde foi pontuada a importância do fenômeno como propulsor para economia, propulsor social, político e cultural principalmente nos países periféricos, como o Brasil. (MEDEIROS; CASTRO, 2013).

A geógrafa Cruz (2001) pontua que “o turismo é a única prática social que consome elementarmente espaço” afirmando que o fenômeno turístico consome e se apodera do básico, ao essencial, o espaço geográfico e assim transforma e recria seu significado, bem como a relação do homem com o seu meio. Envolvendo uma gama de setores da economia, o turismo movimenta desde a indústria de construção civil, mídia, comércio e serviços, promovendo a criação de empregos e a movimentação da economia.

Knafou (1996) apresenta em seus estudos sobre o turismo e a produção do espaço, quatro agentes principais para que o turismo se desenvolva e consolide no território, são eles: os turistas, o mercado e os planejadores e promotores territoriais. Os primeiros são os próprios turistas, eles são o fator determinante para que o fenômeno tenha sucesso ou não, já que são eles, em essência, os consumidores do espaço.

O mercado é o segundo agente, ele é quem controla e organiza o uso dos lugares chamados turísticos. Esse controle envolve os preços da rede hoteleira, voos e alimentação, criando assim, uma espécie de filtro, que define a classe econômica que poderá usufruir das viagens e do lazer turístico. Os outros agentes são os planejadores e promotores territoriais. As secretarias de turismo e os investimentos públicos voltados às mais diversas obras de infraestrutura para uso turístico, são exemplos de planejadores, esses que são responsáveis por “organizar” o território para que seja atrativo e haja investimento do próximo agente, os promotores imobiliários.

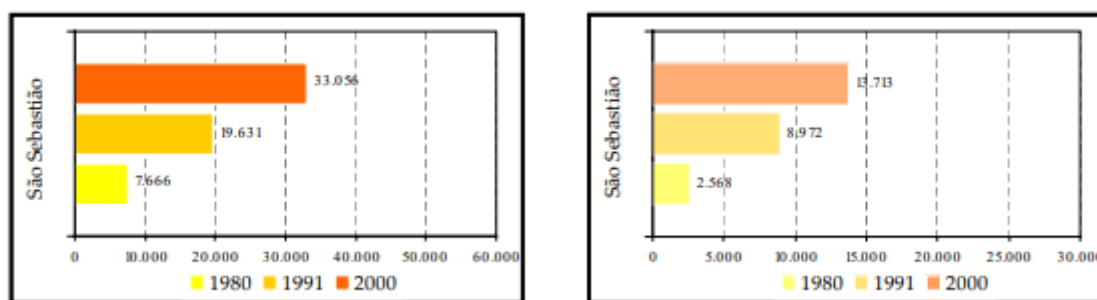
Os promotores imobiliários correspondem a um conjunto de agentes que realizam desde a incorporação; financiamento; estudo técnico; construção do imóvel à comercialização do capital-mercadoria em capital-dinheiro. Sempre com o objetivo de arrecadar o maior lucro possível com seu empreendimento, os promotores imobiliários causam uma segregação no território em que agem, no caso dos litorais, por exemplo, fica cada vez mais caro morar próximo à orla, do que decorre a expulsão da população nativa para as encostas de morros. (CORRÊA, 1995).

Dessa maneira o turismo se torna um objeto de estudo amplo, envolvendo várias áreas do conhecimento. O próprio Litoral Norte é exemplo dessa transformação abrangente que o turismo provoca como veremos a seguir, de uma vila de pequenas casas onde a pesca era a principal atividade a grandes residências de uso secundário com um forte setor de serviços

consolidado para atendimento dos turistas.

A figura 2 abaixo elucida essa transformação no que diz respeito ao aumento de residências secundárias, que são entendidas como casas para uso de turistas. Verificou-se que no ano de 1980 a 1991 São Sebastião teve um aumento de 71,4% nas residências secundárias, confirmando a intensificação do turismo no local, principalmente devido à conclusão das obras da rodovia BR 101 que facilitou o deslocamento para a região.

Figura 02. TOTAL DE DOMICÍLIOS E RESIDÊNCIAS SECUNDÁRIAS NO MUNICÍPIO DE SÃO SEBASTIÃO, SP. [PANIZZA et. al., 2004, p. 32]



Já o salto de domicílios ocorrido de 1991 a 2000 no município de São Sebastião, se dá principalmente devido a onda migratória que a região recebeu de pessoas vindas de São Paulo e Minas Gerais que foram à procura de abrir um negócio ou conseguir um emprego no setor de turismo, que crescia rapidamente no local, vendo assim uma oportunidade ao “desemprego industrial no vale do Paraíba e do desemprego rural do sul de Minas Gerais” [SÃO PAULO, 1996, p. 29]. O censo demográfico de 2000 aponta que 11.135 pessoas não eram naturais deste município, comprovando a onda de migração.[PANIZZA, 2004].

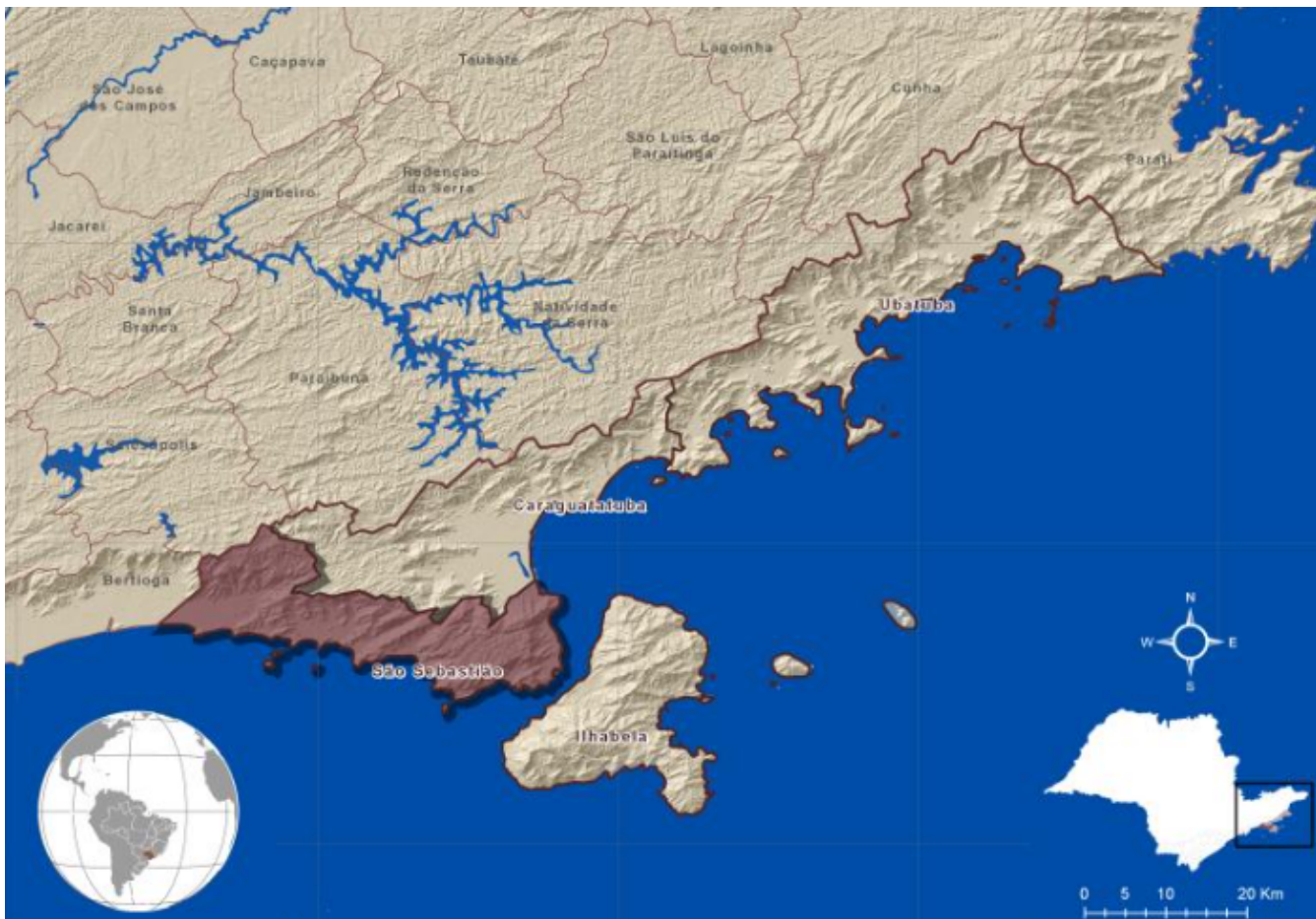
2. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

2.1 BREVE HISTÓRICO DO POVOAMENTO DE SÃO SEBASTIÃO

São Sebastião é um dos quatro municípios que compõem o Litoral Norte do Estado de São Paulo, juntamente a Caraguatatuba, Ilhabela e Ubatuba. (Figura 03). A vila foi criada em 1636 segundo o IBGE, sendo a cidade mais antiga da região. A influência indígena

sempre foi presente, a área era ocupada por índios Tupinambás ao norte e Tupiniquins ao sul, antes da presença dos colonizadores portugueses. O nome de muitas praias, como Boiçucanga (cabeça de cobra grande), Camburi (peixe da família dos robalos), Guaecá (gaivota) reflete essa importante influência, a própria praia de Paúba significa ‘vale’ na língua Tupi, no início da sua formação, era também conhecida por Inhandupaúba, ou seja “vale entre montanhas”. (RESSUREIÇÃO, 2002).

FIGURA 03- LITORAL NORTE PAULISTA. UNESP.



São Sebastião desde a época colonial era conhecido por seu porto, tendo sua história reflexo da situação portuária ao longo do tempo. Em meados do século XVIII, o porto se torna pouco movimentado devido ao decréscimo da produção de ouro que vinha do sul de Minas Gerais, assim, a economia local se volta pouco a pouco para o cultivo da cana de açúcar que atinge o auge em 1799-1800 (RESSUREIÇÃO, 2002, p.48 e 49). Contudo, a produção açucareira não durou muito tempo, principalmente devido a localização, que perdia vendas, comparado ao nordeste que era mais próximo do mercado consumidor Europeu.

Mesmo assim, foi suficiente para que o canal de São Sebastião apresentasse contínuo movimento de embarcações (SILVA, 1975).

Já, no início do século XIX, durante o ciclo cafeeiro, o Litoral Norte conheceu uma fase de dinamização da sua economia, mas nada parecido com o crescimento econômico ocorrido no planalto paulista. (RESSURREIÇÃO, 2002). O litoral norte entra então no século XX marginalizado em relação ao Planalto, com a economia da cidade basicamente de subsistência, caracterizado por uma vila caiçara de tradição pesqueira.

Tirando a movimentação vinda pelo porto, o acesso terrestre ao local era dificultado, melhorando só após 1930 com a inauguração da Rodovia dos Tamoios, ligando Caraguatatuba ao Vale do Paraíba, e mais tarde com a abertura da rodovia Rio-Santos no final dos anos 70, o que despertou o setor turístico, com a constante construção de residências secundárias, que sofreram ao longo dos anos uma intensificação da especulação imobiliária, já que a demanda por casa é alta e a área destinada a residências é restrita. (PANIZZA, 2004).

Com o crescimento populacional nas décadas de 80 e 90, provocado pela vinda de migrantes que foram realizar obras de infraestrutura e às obras do terminal da Petrobras que em 1961 instala tanques e oleodutos nas áreas destinadas à construção de casas, as construções irregulares ficam visíveis na paisagem, com seus morros favelizados. (RESSURREIÇÃO, 2002).

Dessa forma, segundo o site oficial da Prefeitura da cidade, atualmente, São Sebastião possui belas praias (Figura 04) com casas, hotéis, pousadas e restaurantes próximos a orla e a população local de trabalhadores com suas moradias pequenas em volta dos rios e nas encostas de morros. O setor terciário, de comércio e serviço, tem destaque para o desenvolvimento econômico da região, principalmente nas atividades ligadas ao veraneio, lazer e turismo. (PMSS, 2008).

FIGURA 04- PRAIAS DE SÃO SEBASTIÃO (fonte:eoamazonia.net/index.php/revista/article/view/48/pdf_33)



Na Praia de Paúba é possível encontrar ao lado da capela local, uma placa (figura 05) com informações da história de São Sebastião e sua ligação com a história de Paúba. Na placa é possível ler as seguintes informações:

- “Aqui viviam os índios Tupis. Os colonos formaram um pequeno povoado: exploravam a madeira, ergueram engenhos de cana, exportavam açúcar e aguardente, caçavam baleias e cultivavam a terra. Tudo com o trabalho escravo que produziu injustiça social e um forte movimento de resistência por parte dos negros”;
- “ Igrejas, conventos e fazendas foram construídos. Veio o ciclo do café, São Sebastião cresceu, chegou a ter 106 fazendas, espalhadas por quase todas as praias. Quase tudo era exportado para Europa, pelo ótimo porto”;
- “ Com o fim da agricultura de exportação (por volta de 1890) a maioria das fazendas foi vendida ou abandonada. População e economia declinaram. As áreas das antigas plantações foram sendo retomadas pela floresta ou ocupadas pelas famílias caiçaras. O litoral Norte ficou isolado por décadas, não havia estradas, todo transporte era realizado pelo mar”;
- “ Em 1798, há registro de uma fazenda em Paúba administrada por uma viúva. Tinha mais de 40 pessoas escravizadas e produzia farinha, algodão, arroz e feijão, além de pesca de tainhas. Nas áreas desmatadas ficavam as antigas plantações.”;

- “A fazenda foi desativada e as terras foram sendo ocupadas por posseiros. Em 1856, os registros indicam que 12 famílias viviam em Paúba. As propriedades não possuíam cercas e os espaços eram coletivos.
- “Origem Tupí. “Nhandupauba” (Terra entre “montanhas”) ou Paúba (árvore de construir canoa)”.

FIGURA 05- MEMÓRIAS DE SÃO SEBASTIÃO E PAÚBA (2022). AUTOR: GABRIELA ARCENO GOMES.



2.1.1 O modo de vida caiçara

Hoje erroneamente muitos turistas tem a impressão de que todo morador do litoral pode ser chamado de caiçara, quando na verdade o termo está atrelado a um modo de vida próprio, que envolve suas atividades diárias, ao seu conhecimento e ligação com a natureza, passado por gerações.(RESSUREIÇÃO, 2002).

A tradição caiçara é entendida como um conjunto de valores, de visão de mundo e de simbologias, de tecnologias patrimoniais, de relações sociais marcadas pela reciprocidade, de saberes associados ao tempo da natureza, de música e danças associadas à periodicidade das atividades de terra e de mar, de ligações afetivas fortes ao sítio e à praia. Essa tradição, herdada dos antepassados, é constantemente re-atualizada e transmitida às novas gerações pela oralidade. (Diegues,2004, p. 22).

Ao longo do tempo as organizações sociais, trabalhos e relações homem-meio se modificaram, assim, o contexto histórico influencia decisivamente na vida de um determinado povo. Atualmente a população litorânea, como a de São Sebastião por exemplo, já não vive como antigamente, os ditos empregos são outros, as próprias aspirações são outras. A criança que antes saía para pescar com seu pai, que o via construir um barco, que tinha ligação forte com o ecossistema, quase não existe mais, um adolescente que vive hoje no litoral tem outros tipos de profissões, como no próprio setor de comércio e serviço e visa outros tipos de carreira. Sobre isso, Santos (1997, p.67) afirma:

“Em cada momento histórico os modos de se fazer são diferentes, o trabalho humano vai tornando-se cada vez mais complexo, exigindo mudanças correspondentes às inovações. Através de novas técnicas vemos a substituição de uma forma de trabalho por outra...”

A palavra caiçara tem origem na língua indígena Tupi-guarani que significa homem do litoral (2000, p. 103), hoje o grande problema de chamar uma pessoa de caiçara é o entendimento que o homem do litoral paulista já passou por um processo grande de influência urbana, onde sua cultura tradicional foi sendo pouco a pouco substituída, dissolvida. Perdendo assim a ligação cultural que está intrínseca no termo caiçara. Santos (2008).

Aqui entenderemos o modo de vida baseado em Max Sorre, sendo então algo “extremamente rico, pois abraça a maioria senão a totalidade das atividades do grupo e mesmo dos indivíduos” (SORRE, 2002, p.16), dessa maneira temos um grupo que tem sua história e costumes datados do início do período colonial, mais precisamente no litoral sul paulista. O caiçara era uma mistura do indígena e o branco, vindo com a exploração dos bandeirantes e mais tarde com a presença dos negros, assim se espalhando por todo litoral de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná. (SANCHES, 2004)

Os caiçaras tinham como principal atividade a pesca, agricultura e coleta de frutos, inicialmente de subsistência, para os grupos familiares que se formavam. A terra onde essas atividades eram realizadas, não tinha, para eles, nenhum valor econômico, sendo um lugar de reprodução de sua cultura e de sobrevivência, ideia de território bem semelhante à dos indígenas. Sanches (2004, p. 56) descreve que:

Há cinco séculos, portanto, como decorrência do processo de colonização no litoral sul paulista, formaram-se núcleos populacionais isolados ou pequenas vilas na região de Iguape e Cananéia; os caiçaras – as primeiras células familiares – nasceram desse contato entre o europeu, o índio e o negro. Esse contato se desenvolveu no contexto de uma relação direta e profunda com a Floresta Atlântica, afetada pelos ciclos econômicos regionais.

Com a chegada dos colonos, grande parte da mata atlântica foi sendo devastada com o ciclo do pau- brasil, afetando toda a dinâmica cultural dos caiçaras e mais tarde com o ciclo açucareiro no litoral, muitos desses caiçaras tiveram seu território invadido e tomado pelo plantio de cana, sendo muitas vezes obrigados a trabalhar na lavoura para sua subsistência. Assim, pouco a pouco seu dito “modo de vida” foi sendo alterado.

2.2 A CONSTRUÇÃO DA RODOVIA RIO- SANTOS, A URBANIZAÇÃO E O TURISMO

A Praia de Paúba está localizada no litoral norte do estado de São Paulo (figura 06), possuindo aproximadamente 2.000 km² de superfície compostas por belas praias. O dito “modo de vida caiçara” falado anteriormente, foi se modificando, ao passo que o turismo que antes era restrito a uma pequena elite que possuía automóveis, vai aumentando, agora alvo de milhares de turistas, vindos das metrópoles de São Paulo e Rio de Janeiro devido ao intenso processo de urbanização dos últimos 30 anos. (SILVA, 1975, p. 180)



Figura 06. LOCALIZAÇÃO DO LITORAL NORTE PAULISTA [PANIZZA et al, 2003].

Silva [1975, p. 57], pontua a importância das ligações rodoviárias para que ocorresse conexão entre a costa e a metrópole de São Paulo no planalto para que o fenômeno chamado de turismo de massa e casas de segunda residência se iniciasse e consolidasse. A rodovia entre São Sebastião e Caraguatatuba foi inaugurada em 1938; a rodovia Caraguatatuba-São José dos Campos em 1939; e o eixo entre Caraguatatuba e Ubatuba na década de 1950, ambas deram início a movimentação do Litoral Norte, mas a Rodovia Rio-Santos concluída na década de 1980 foi a grande responsável pelo crescimento da urbanização no litoral paulista.

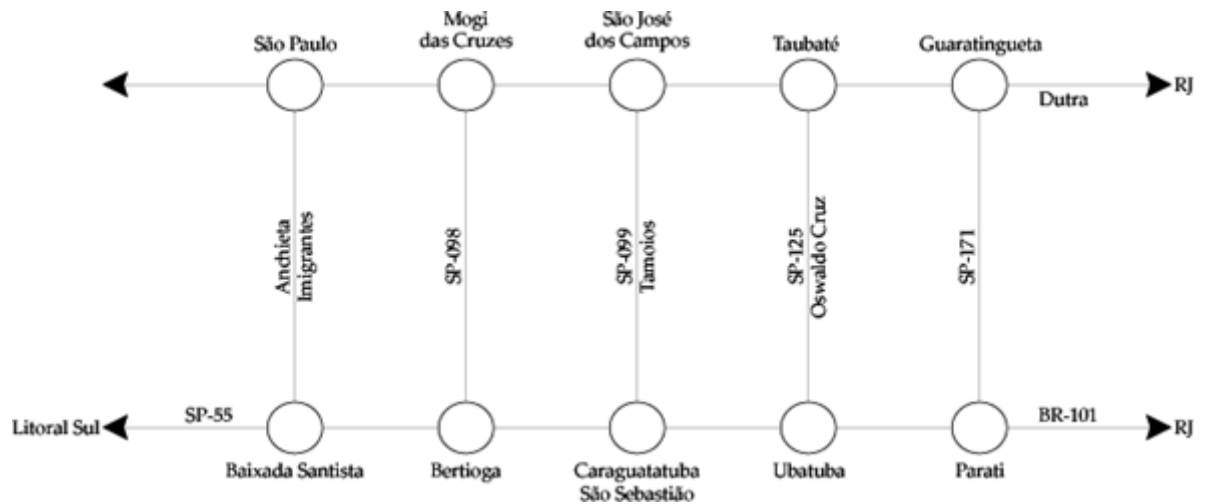


Figura 07. ARTICULAÇÃO DA REDE VIÁRIA. LITORAL NORTE, SP [SÃO PAULO, 1996, p. 141].

Segundo Silva, o litoral norte seria “um prolongamento da urbanização do sudeste brasileiro” por ser caminho de encontro entre duas importantes metrópoles e eixo para que uma megalópole ocorra (SILVA, 1975, p. 243-245).

uma extensa mancha contínua, em claro processo conurbativo, manifesta-se desde o litoral ao sul da Baixada Santista até o norte da baía de Guanabara, revelando uma vasta área quase que continuamente urbanizada (de certo modo, objetivando o “macroeixo” São Paulo/Rio de Janeiro, pela zona costeira) [MORAES, 1999, p. 55].

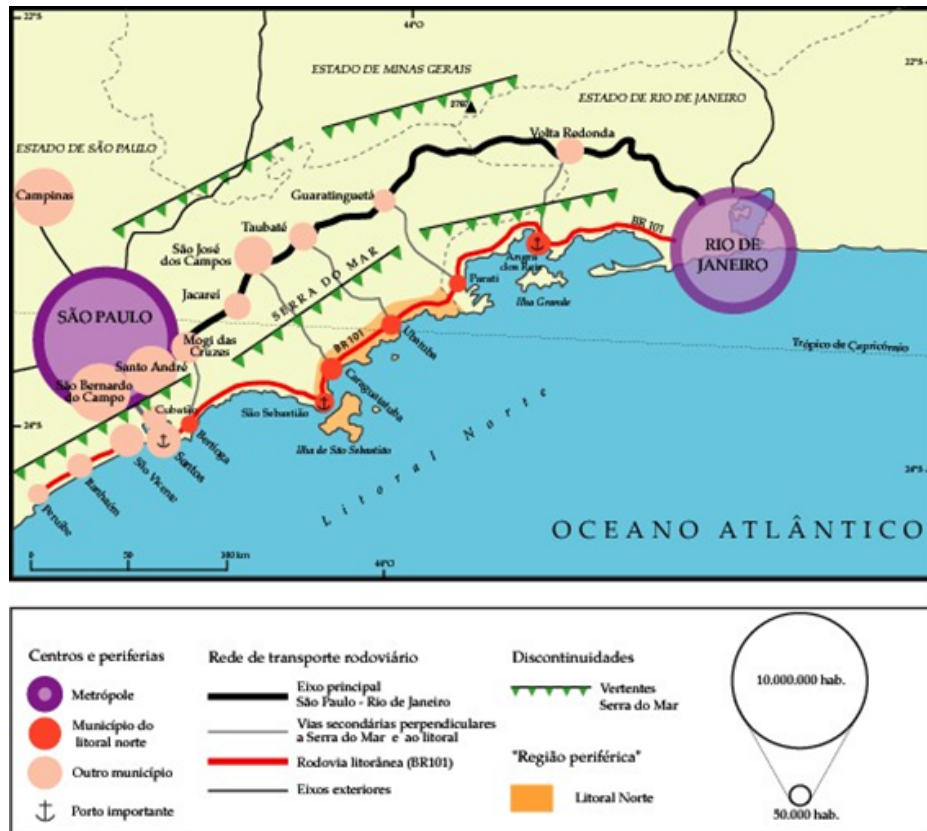


Figura 08. O LITORAL NORTE E REGIÃO – PRINCIPAL VIA DE CIRCULAÇÃO [PANIZZA et. al., 2004, p. 2]

Ponto estratégico e de fácil acesso aos moradores das metrópoles, o Litoral Norte chama atenção dos turistas que procuram descanso e lazer em um local próximo. Dessa forma, seja aos finais de semana do inverno, aos dias de Sol da alta temporada é frequentemente objeto de consumo de turistas.

Em Paúba, o processo segue os mesmos passos das praias famosas da região, como Maresias, porém, devido aos aspectos geográficos, principalmente ligados ao relevo, a expansão urbana está em processo de expansão e consolidação. A pequena planície costeira ainda não está totalmente ocupada, havendo muitos terrenos vagos e no morro há algumas ocupações irregulares.

2.2.1 Políticas Públicas e Projetos turísticos para São Sebastião

O Estado é um agente fundamental para que o turismo se desenvolva, Moraes afirma que [MORAES, 1999, p. 25], o Estado seria inclusive “um dos principais agentes de

intervenção nos espaços litorâneos”. Sua atuação é determinante para ocupação dessas áreas, como já visto anteriormente, na construção das rodovias, que promoveram a urbanização e a turistificação do local.

Estudos foram feitos pela Secretaria do Meio Ambiente (SMA), para um Macrozoneamento do Litoral Norte, dividindo-o em áreas de preservação e conservação; turismo e ocupação de residências secundárias; pólos de comércio e serviços, categorizando assim a função que seria exercida por cada local, bem como atividades de planejamento. [SÃO PAULO, 1996, p. 21 e 22].

O Plano de Gerenciamento Costeiro do Litoral Norte foi uma das ações propostas para a região, ele visava o desenvolvimento do turismo náutico e a maricultura (cultivo de mexilhões), já que via um prazo de duração para o desenvolvimento imobiliário. Pois “os espaços aptos a suportar empreendimentos imobiliários residentes estão praticamente esgotados, sendo que parte dos empreendimentos aprovados continua desocupada e/ou carente de serviços básicos de infra-estrutura urbana” [SÃO PAULO, 1996, p. 26].

Importante ressaltar que as áreas costeiras tendem a sofrer com interesses alheios a população local, ou seja, a população temporária, tem uma grande força no que diz respeito à criação e aprovação de leis e projetos que a beneficiem, determinando o rumo do desenvolvimento local mais que os próprios moradores locais [TULIK, 1995, p. 131].

Após uma busca bibliográfica e documental, nada mais foi encontrado sobre políticas públicas e projetos turísticos para o município. Além disso, o contato com a Administração Pública local igualmente não resultou no encontro de fontes primárias que poderiam colaborar para esse trabalho .

2.2.2 A produção de Maresias como lugar turístico

Maresias é um distrito com 13 vilas que foi anexado ao município de São Sebastião em 1944 e que se torna popular na década de 70 com a inauguração da Rodovia Rio-Santos, que abre “portas” para os seus 5 km de orla marítima, bem vistas graças a praia ter se tornado atrativo turístico a partir de 1960, quando “os litorais passam a serem espaços privilegiados

do turismo, em todos os países”, (CORIOLANO; SILVA, 2007, p.45) até então o local era habitado predominantemente por caiçaras que viviam da pesca, lavoura e colheita.

A partir da década de sessenta, ocorre o “grande surto de aquisição de uma segunda residência” (Rodrigues, 1999, p.136) sendo as décadas de 1980 e 1990 marcadas pela crescente turistificação do local, que com o decréscimo da atividade agrícola e o aumento do desemprego, em conjunto com a crescente obras de infraestrutura e Maresias foi se urbanizando, atraindo cada vez mais investimentos voltados para o setor turístico.

Com o turismo local já consolidado, o que então chamaremos de “modo de vida caiçara” no vai se dissolvendo, dando lugar a empregos informais ou com salários de baixa renda que dependem da movimentação das temporadas e finais de semana. Assim, o território como lazer fica restrito a turistas de alto poder aquisitivo vindos em sua maioria da metrópole paulista, destacando a segregação causada pelo fenômeno turístico. (LUCHIARI, 1992;)

Essa segregação se torna visível na paisagem, onde é notável a área de concentração turística, área de condomínios e casas de segunda residência e o sertão de Maresias, como visto na figura 09 abaixo:

FIGURA 09- ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO EM MARESIAS (GUIA MARESIAS, 2011).



3. O CASO DA PRAIA DE PAÚBA: TURISMO E TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS

A antiga Inhandupaúba, “vale entre montanhas” na língua Tupi, é uma pequena extensão de areia com cerca de 450 metros, que fica ao lado da Praia de Maresias. Na praia de Paúba, como muitas do Litoral Norte, predomina visivelmente a paisagem natural, com poucas construções e bastante áreas verdes, mas mesmo não sendo uma área urbana, sua forma de ocupação tende a uma “estruturação em moldes urbanos”, pois “já predomina uma dinâmica capitalista de uso e apropriação da terra” e as regiões tradicionalmente ocupadas pela população tradicional local são “residuais e tendentes ao desaparecimento, num prazo de tempo pequeno” como dito pelo autor Moraes em seu livro “Contribuições para a gestão da zona costeira do Brasil: elementos para uma geografia do litoral brasileiro” que fala dessa tendência a urbanização no litoral brasileiro. [MORAES, 1999, p. 55].

FIGURA 10-PLACA TURÍSTICA DE PAÚBA (2022). AUTOR: GABRIELA ARCENO GOMES.



Na capela de Imaculada Conceição e Madre Paulina (figura 11) é possível conhecer um pouco mais a fundo a história do local e assim traçar um caminho de como a transformação sociedade natureza se deu.

FIGURA 11- CAPELA DE IMACULADA CONCEIÇÃO E MADRE PAULINA (2022).
AUTOR: GABRIELA ARCENO GOMES.



A placa turística fornecida pelo Grupo de Estudos Memórias de São Sebastião (figura 13) traz fotos e pontua mais fatos importantes sobre a história local. A cultura costumeira de colaboração mútua era fundamental para sobrevivência dos caiçaras, agricultura de subsistência e o escambo eram práticas cotidianas ali presente. A época de pesca mobilizou toda a comunidade, tendo uma importância não só econômica e de subsistência, mas também importância cultural, onde os mais velhos passavam seus conhecimentos aos mais jovens.

Essa união formou até um time de futebol, o EC Paúba, fundado em 1946, que hoje tem seu campo como patrimônio público e ainda é utilizado para jogos. Outras manifestações culturais, como festas e procissões também ocorriam, levando até a construção de sua igreja em 1940 (figura 12).

FIGURA 12- HISTÓRIA DA CAPELA DE PAÚBA (2022). AUTOR: GABRIELA ARCENO GOMES.



A estrada de terra data da década de 1960 e a Rodovia Rio Santos entregue pavimentada em 1985 foi a grande responsável pela expansão da população e o início do turismo, que trouxe consigo uma série de transformações. Que estão assim descritas na placa “ Com a entrega da rodovia o Turismo se desenvolveu rapidamente. O maior desafio é alcançar a redução da desigualdade social, equilibrando a preservação dos ambientes naturais e a valorização da cultura caiçara”.

FIGURA 13- MEMÓRIAS DE PAÚBA (2022). AUTOR: GABRIELA ARCENO GOMES.



Para o autor Macedo (1993) essas transformações socioespaciais que podem ser vistas na paisagem ocorrem em três fases, a primeira corresponde aos primeiros turistas que chegam ao local, mesmo com o sistema viário e de transporte precário. A segunda fase já conta com um número considerável de turistas, mas o local ainda tem um ar de isolado e intocado. Então na terceira fase já seria notório na paisagem manchas urbanas com uma grande quantidade de comércio, serviços e segundas residências voltados para o setor turístico como pode ser observado na figura 14 abaixo .

FIGURA14- HOTEL E CONDOMÍNIO DE SEGUNDA RESIDÊNCIA HOJE EM PAÚBA.



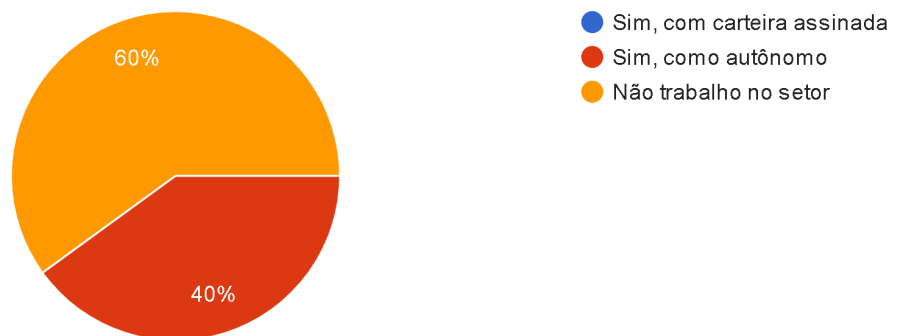
3.1 TURISMO E TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS NA PRAIA DE PAÚBA

Em busca de maiores informações sobre como o turismo atua e é percebido pela população Paúba, foi aplicado um questionário a 10 moradores locais em uma visita a praia e os gráficos abaixo trazem os resultados alcançados, relativos à percepção dos entrevistados em relação ao turismo.

Dentre os entrevistados 50% tem nível superior completo de instrução, sendo 40% assalariados e 40% trabalham no setor do turismo. Quando questionados sobre sua moradia, 60% responderam que moram entre a rodovia e a praia, sendo que 40% moram a mais de dez anos e 40% a menos de cinco anos.

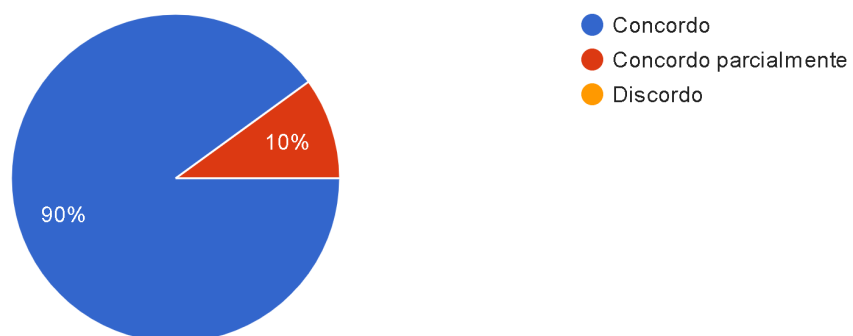
Quando questionados sobre seu trabalho temos que 40% trabalham no setor do turismo mas sem carteira assinada, dentre eles estão : um vendedor de picolé, uma vendedora de pastel e um fotógrafo. Outros dois são empresários, sendo um dono de pousada e um dono de barraca de alimentos da praia.

Trabalha no setor do turismo
10 respostas



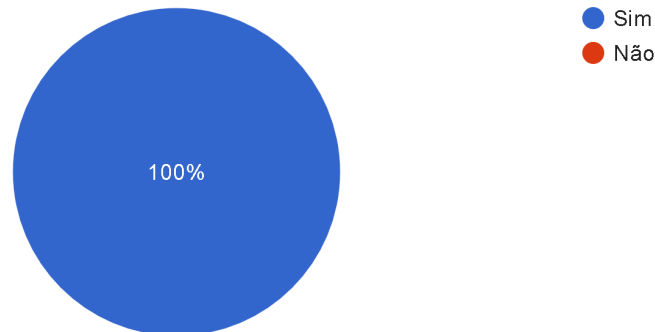
Depois de conseguir saber um pouco mais sobre essas pessoas, uma análise sobre a percepção que elas têm da atividade turística é feita, como vemos abaixo:

1. Analise as afirmativas a seguir. O turismo é bom para a população local de Paúba.
10 respostas



2. E para você o turismo é bom?

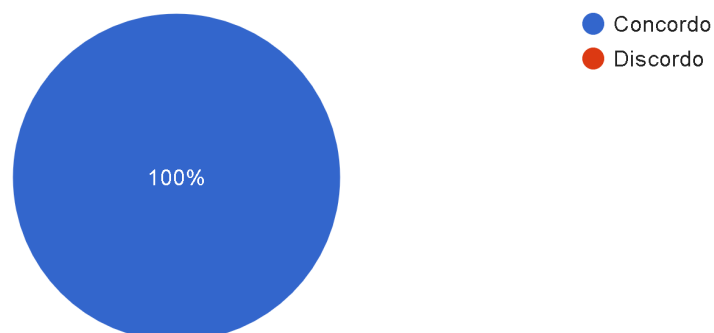
10 respostas



Para a pergunta três foi pedida uma justificativa do por que o turismo para essa pessoa era bom ou ruim. Todos entrevistados responderam que o turismo é bom pra si, como vemos no gráfico acima e os motivos são variados. Para Antônio, um senhor de 78 anos, o turismo lhe propicia conhecer novas pessoas, conversar e se distrair, enquanto para o restante das pessoas o lado bom do turismo está vinculado com a questão econômica e de geração de renda, seja para si, seus familiares ou para o bairro, como pode ser também visto na questão a seguir:

4. O turismo gera trabalho para os moradores de Paúba

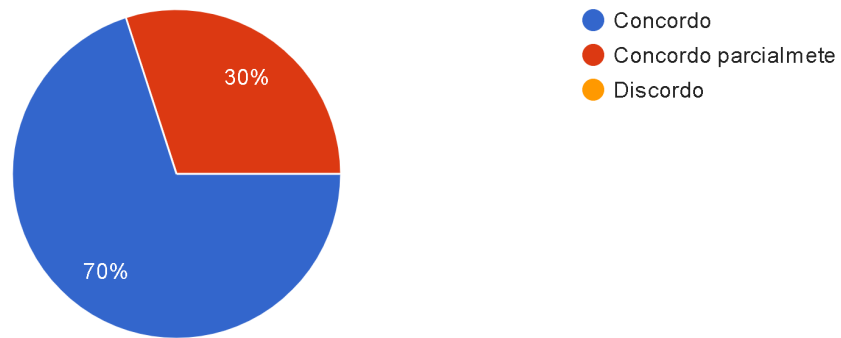
10 respostas



Todos entrevistados de certa forma veem a contribuição do turismo para sua qualidade de vida (pergunta 5) e quando questionados sobre como essa melhora acontece, o Sr. Antônio é categórico: turismo traz infraestrutura! ,Ele conta que morando a 15 anos em Paúba, viu ruas

serem calçadas, luz elétrica nas ruas e casas e o principal, o saneamento básico acontecer, tudo isso vinculado com a chegada do turismo ali.

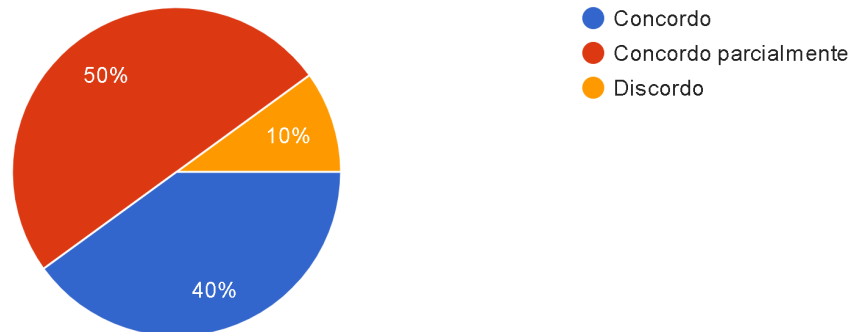
5. O turismo contribui positivamente para a qualidade de vida da população local
10 respostas



Sobre o impacto negativo da atividade turística nos recursos naturais (pergunta 7) quase todos responderam da mesma forma: o turismo não causa impactos negativos sobre o meio ambiente, mas sim as pessoas, que deixam seus lixos nas ruas e na praia. Os moradores também falaram que o governo e os próprios moradores deveriam ajudar na conscientização e facilitação para que o lixo deixe de ser um problema, como a coleta seletiva, mais cestos de lixos espalhados pelas ruas e pela praia, bem como placas de aviso.

7. O turismo tem um impacto negativo sobre os recursos naturais

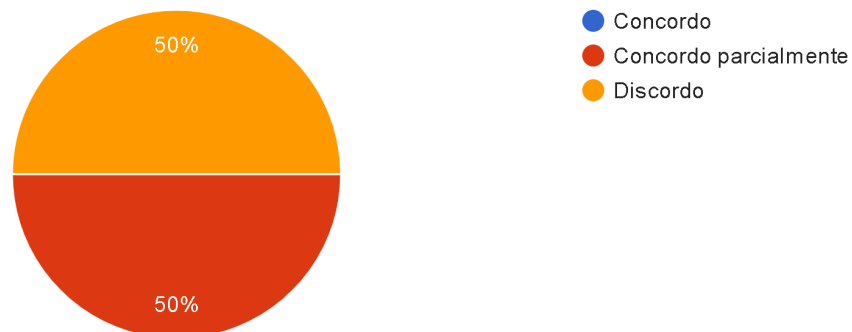
10 respostas



Agora questionados sobre a interferência do turismo no seu lazer quotidiano a resposta é bem variada:

9. O turismo dificulta seu lazer quotidiano

10 respostas



Para o surfista local que treina na praia, a resposta é que os turistas atrapalham sim, não só seu lazer de surfar mais como seu treino para competições. Enquanto outros moradores não vêem problema, já que vão na contramão da temporada, “enquanto eles descem a serra, nós subimos, vamos para sítios, fazendas e até para a capital”.

Já na pergunta onze a resposta foi unânime, o turismo torna os aluguéis mais caros e o preço de compra e venda dos imóveis mais caros. Enquanto para a pergunta doze as

respostas foram bem variadas, para o vendedor de picolé o turismo de Paúba não depende em nada de Maresias, ele que veio da Bahia com um amigo em 1989 fala que hoje Paúba já é autossuficiente no setor de comércio e serviços. Ele também nos conta que Maresias tem um público mais jovem e “animado” enquanto Paúba tem mais famílias e casais, que buscam um conforto maior.

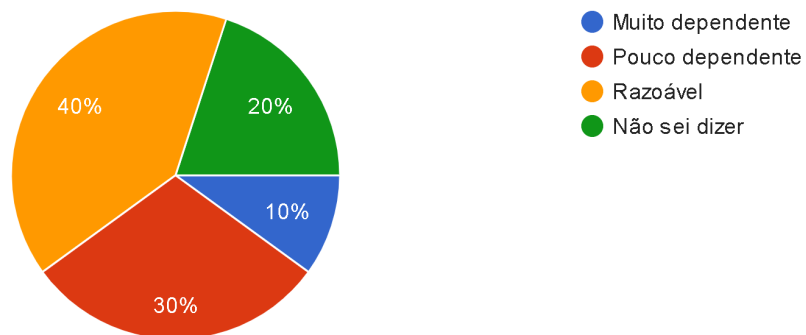
11. O turismo interfere no mercado imobiliário local?

10 respostas



12. Você considera o turismo em Paúba o quão dependente de Maresias

10 respostas



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho visou entender como a atividade turística atua na vida e no cotidiano dos moradores da praia de Paúba. Para tanto, baseamos-nos: a) em referências bibliográficas, que contam como a sociedade capitalista e industrial foi responsável por criar e perpetuar essa atividade, modificando toda uma gama de trabalhos, de vidas, de sociedades; b) em trabalho de campo; c) e em uma pequena enquête aplicada junto a moradores da praia

A pesquisa feita com os moradores e o trabalho de campo na praia possibilitaram entender que o turismo está atrelado direta ou indiretamente à vida da comunidade, influenciando desde o preço de imóveis a questões públicas de infraestrutura.

Assim podemos notar que o desenvolvimento do turismo e a urbanização provocam grande transformação no lugar, que de uma vila de pequenas casas onde a pesca era a principal atividade passam a existir mais e mais residências de uso secundário com um forte setor de serviços consolidado para atendimento dos turistas.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Cristina. Caiçaras na mata Atlântica, pesquisa científica versus planejamento e gestão ambiental. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2000. 336
- AFONSO, Cintia Maria. **Uso e ocupação do solo na zona costeira do estado de São Paulo**. Editora Annablume. São Paulo, 1999. 185p.
- ALMEIDA, Antonio Paulino de. **Memória Histórica de São Sebastião**, coleção da revista História, São Paulo, 1959, p, 131-148.
- BECKER, Bertha. **Políticas e Planejamento do Turismo no Brasil**, <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/2/1>. Acesso em 05/06/2021.
- BRANCO, P. M. C.; MAGALHÃES, L. H. **Turismo de massa: uma construção do capitalismo**. Revista Terra e Cultura. Ano 21, Nº 41, 2005.
- BOYER, Marc. **História do Turismo de Massa**. Edusc. 2003.
- CORBIN, Alain. **O território do vazio – a praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- CORIOLOANO, Luzia e SILVA, Sylvio **Turismo e Geografia: Abordagens e Críticas**. Fortaleza. Editora da Universidade Estadual do Ceará. 2005, p.163.
- CORIOLOANO, Luiza Neide Menezes Teixeira. SILVA, Sylvio Bandeira de Mello e. Turismo: Prática Social de Apropriação e Dominação de Territórios. In: CORIOLOANO, Luiza Neide Menezes Teixeira.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. Editora Ática, Série Princípios, 3a. edição, n. 174, 1995.
- VASCONCELOS, Fábio Perdigão. O turismo e a relação sociedade-natureza: realidade, conflitos e resistências. Fortaleza: Editora UECE, 2007. P.304-313
- CRUZ, R. C. (2000), **Política de Turismo e Território**, Editora Contexto, São Paulo.
- CRUZ, R.C.A. **Introdução à geografia do turismo**. São Paulo: Roca, 2001
- DIAS, Reinaldo. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Atlas, 2005.

DIEGUES, Carlos Antônio. A mudança como modelo cultural: o caso da cultura caiçara e a urbanização. In: DIEGUES, Carlos Antônio. *Enciclopédia Caiçara*. São Paulo: Hucitec, v. 1, 2004. p. 21 – 48

ENKE, Rebecca. G. **O Cenário do Vazio: a inserção do lazer no espaço litorâneo europeu**. História e suas Interfaces. Rio Grande, Vol. 8, N.1: 169-188, 2017.

FERNANDES, Liliane. Impactos da urbanização pelo turismo no bairro de Maresias, São Sebastião, SP. São Paulo (SP), 2007. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Turismo) – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Rosana, 2007

FURTADO, Rubens Fidêncio. Entrevista Caiçara. [25 de fevereiro, 2011]. São Sebastião. Entrevista concedida a Bruna Morante Lacerda Martins.

GASPAR, Claudia Braga. **Orla Carioca: História e cultura**, São Paulo: Metalivros, 2004.

GEIGER, Pedro. Turismo e Espacialidade. In: RODRIGUES, Adyr A.B. (org.) **Turismo e Geografia: Reflexões Teóricas e Enfoques Regionais**, Hucitec, São Paulo, 1996, p.55 a 61.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. Caiçaras, Migrantes e Turistas: A Trajetória da apropriação da natureza no litoral norte paulista (São Sebastião – Distrito de Maresias). Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

LUCHIARI, M. T. (2000). Turismo e meio ambiente na mitificação dos lugares. In: Revista Turismo em Análise, 11(1), 35-43. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v11i1p35-4> .Acesso em 28/07/2021.

MOESCH, Marutschka Martini. Para além das disciplinas: o desafio do próximo século. In: GASTAL, Susana (org.). *Turismo investigação e crítica*. São Paulo: Contexto, 2002, p. 25-44.

MORAES, A. C. R. Contribuições para a gestão da zona costeira do Brasil: elementos para uma geografia do litoral brasileiro. São Paulo: Hucitec / Edusp, 1999. 229p

MACHADO, H. C. F. **A construção social da praia**. Sociedade e Cultura 1, Cadernos do Noroeste, Série Antropologia, Vol. 13, 2000.

MÜLLER, D.; HALLAL, D. R.; RAMOS, M. G. G.; GARCIA, T. E. M. **O Despertar do Turismo no Brasil: a década de 1970**. In: International Conference on Tourism &

Management Studies – Algarve , Book of Proceedings, 2011, v. I, p. 692-700, 2011.

PANIZZA, 2004.

PANIZZA, Andrea de Castro. *Imagens Orbitais, Cartas e Coremas: uma proposta metodológica para o estudo da organização e dinâmica espacial, aplicação ao Município de Ubatuba, litoral norte do Estado de São Paulo (Brasil)*. 302f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, dezembro 2004.

RODRIGUES, Adyr. **Geografia e turismo- notas introdutórias**. In: Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar. Hucitec, 1ªed., São Paulo, 1997, págs. 37 a 60.

SANTOS, A.R. **A grande barreira da Serra do Mar**. Da trilha dos Tupiniquins à Rodovia dos Imigrantes. São Paulo: O Nome da Rosa, 2004. 122p.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo:

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1997. 124 p.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço habitado: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2008.

SEADE - Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. Perfil Municipal. Disponível em: . Acesso em 3 fevereiro 2022.

SORRE, Max. A noção de gênero de vida e o seu valor atual. In. CORREA, Roberto Lobato & Rosendahl Zeny (Orgs.). *Geografia Júlio César Suzuki – Maurício Vinícius Gomes Freitas – Denise Martins de Souza* 53 Cultural: Um Século (3). Rio de Janeiro, UERJ, 2002

RESSURREIÇÃO, R. D. *Transformação de um povo caiçara*. Humanitas, São Paulo, 2002.

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

QUEIROZ, José. A história do turismo. In: Turismo Receptivo. Disponível em <https://turismoreceptivo.wordpress.com/historia-do-turismo/> . Acesso em 28/06/2021.

TULIK, O. *Residências secundárias: presença, dimensão e expressividade do fenômeno no estado de São Paulo*. Tese de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Geografia. São Paulo: USP, 1995.

THÈRY, H. **Lugares e fluxos do turismo nacional brasileiro**. Via - Tourism Review, (7), s.p. 2015.

KNAFOU, R. (1996). Turismo e Território. Para um enfoque científico do turismo. In: RODRIGUES, A. A. B. (org.) (1996). Turismo e Geografia – reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec

